



Luiz Carlos Sá

Noites Florentinas

O cheiro do brioche assando entrava pelas narinas e chegava intocado ao centro de prazer de nossos cérebros exaustos. Já havia umas duas horas que andávamos pelas ruelas mais escuras de Firenze, Florença para nós. Obsequiosos passantes pareciam ter tido alguma reunião secreta horas antes especialmente para decidirem por quanto tempo poderiam nos fazer errar pela cidade até encontrarmos os ambicionados brioche. Ensinavam-nos com paciência: “alla sinistra!”, “alla destra”, “diritto!”... Mas nunca conseguíamos chegar à fonte daquele aroma inesquecível de brioche quente que certamente nos tinha enfeitado, a mim, Vê e Dani, para que andássemos horas daquele jeito antes de nos darmos conta do quão cansados estávamos. Afinal desistimos. Com certeza Florença inteira cheirava a brioche sem que eles fossem vendidos em nenhum lugar. Paramos para tomar fôlego e decidir o que fazer. Francesco, dono do Adam – o charmoso hotelzinho onde nos hospedáramos - indicara um bar com música ao vivo, o Chiodo Fisso, que numa tradução mais ou menos livre quer dizer “idéia fixa”. Que lugar melhor para três obcecados por brioche acabarem a noite? Pegamos um táxi e fomos pra lá.

O Chiodo Fisso era digno da descrição de Francesco. Pessoas interessantes conversavam coisas que certamente seriam interessantes num lugar bem interessante. À meia luz, enfumaçado, parecia uma cave subterrânea daquelas que a gente via nos films noirs franceses da década de 50. Pedimos um

Subir ao palco é uma das melhores maneiras que um tímido tem de superar-se, sabiam? A maioria dos artistas que eu conheço é de uma timidez quase irreparável

chianti honesto e de bom preço que nos reanimou instantaneamente a ponto de nos sentirmos como se houvéssimos comido os tais brioche e pusemo-nos a fazer planos para o dia seguinte, já que nossa viagem era completamente easy rider: queríamos variar o norte da Itália de lado a lado, mas sem compromisso com

dias ou lugares. Nossa conversa foi interrompida pelos aplausos da platéia: dois músicos subiam ao palco com seus violões. O mais jovem, meio gordote, era um tipo bem comum. Já o mais velho parecia uma cruz de Frank Zappa com Jerry Garcia. “Forza, Andrea!”, gritou um cara ao nosso lado. Andrea, o Zappa-Garcia – que depois vim a saber que era também o dono do bar - fez as necessárias equalizações numa pequena mesa a seu lado e começou a tocar uma balada que soava perto de Dylan, com uma voz rascante e potente. As pessoas aplaudiram. Andrea era mesmo popular por ali! Pedimos outro vinho. O vinho e as músicas de Andrea me fizeram esquecer por completo os malfadados brioche. Aquela viagem à Itália estava saindo exatamente conforme o planejado, quer dizer, sem nenhum roteiro pré-concebido... Eu, Vê e Dani, duas amigas queridas, nos encontráramos em Paris e depois de alguns dias de rolê pela capital francesa resolvêramos ir pra Itália. Tomamos um trem para Florença, onde pensávamos em alugar um carro para cruzar a Toscana rumo a Veneza, sem preocupações com paradas nem estadias: à medida que fôssemos indo, as coisas iriam acontecendo. Fui tirado do meu devaneio por uma sacudida da Vê:

- O cara está perguntando quem quer tocar!
- Vai lá! – reforçou a Dani.
- Eu não... Vou tocar o quê? Ninguém me conhece aqui!

Mas o vinho e a persistência das duas me convenceram. Acreditem vocês ou não, eu sou tímido por natureza. Subir ao palco é uma das melhores maneiras que um tímido tem de superar-se, sabiam? A maioria dos artistas que eu conheço é de uma timidez quase irreparável... Bem, o fato é que antes de me dar conta do que fazia, lá estava eu no palco do Chiodo Fisso, com Andrea Zappa-Garcia me olhando paternalmente, se é que isso era possível. Lasquei-lhes um italiano turístico: buona sera a tutti! Saluti da Brasile! - e ao entender que eu era brasileiro a platéia aplaudiu animada. “Lá vem bossa nova” – devem ter pensado eles. Esperto, ataquei “Dona” e fiz sucesso. Eles gostam de baladas, sacumé... Depois toquei uns sambas meus que aqui ninguém conhece a não ser eu, mas que fizeram a maior figura ali no Chiodo, vejam só! Enfim, fechei com “Sobradinho” e saí do palco aliviado: apesar do excesso de chianti eu só tivera um branco na parte de “Dona” que o Guarabyra canta: esqueci a letra e inventei uma, passando um certo

perrengue até ouvir Dani e Vê cantando altíssimo a letra certa, eh,eh,eh... Andrea Zappa-Garcia foi me cumprimentar à mesa, com elogios. Contamo-nos nossas histórias, tomamos um vinho e ficamos instantaneamente amigos, como bons brasileiros e italianos. Saímos do Chiodo de cabeça pra baixo, mas conseguimos chegar a pé ao hotel Adam, que parecia ter criado escadarias de um dia pro outro...

Com jeito e alguns sorrisos consegui que eles parassem as tentativas e finalizei rapidamente minha apresentação ao som de palmas gentis, mas pouco entusiasmadas

Na noite seguinte, Francesco sugeriu outro bar: o Skimo, na Via dei Canacci. Diferente do Chiodo Fisso, que reunia um pessoal dos trinta pra cima, o Skimo era centro de gente jovem e badalada, a vanguarda cultural da nova geração florentina. À semelhança daquelas lounge americanas, só se entrava no Skimo com recomendação. Chegamos lá, batemos e um sujeito abriu uma janelinha na porta. Fizemos como o Francesco mandara: falamos que éramos brasileiros, amigos do Andrea do Chiodo. Lá dentro pareciam estar todos os doidões e jovens intelectuais de Florença. As mesas eram coletivas e fomos levados para sentar junto de um grupo. Detalhe: andar pela Itália com duas mulheres significa ter sempre um ou mais italianos paquerando aquela que eles acham estar sozinha ou até mesmo aquela que eles acham que está com você. São absolutamente caras-de-pau... Assim, arranjamos logo um grupo de animados “velhos amigos” que falavam de tudo e qualquer coisa ao mesmo tempo. Denunciado pela Dani como músico brasileiro, fui logo instado a subir no palco, onde uma banda de quatro garotos tocava o que me pareceu ser uma espécie de “nova música contestatória italiana”. “Caraca”, pensei, “aqui vou me dar mal...”. Tentei delicadamente livrar-me dos convites, mas não houve jeito: as taças de chianti se sucediam mais rápidas que o pensamento. Carlo, um dos nossos novos “velhos amigos” deu o ultimato: “forza, Luigi!”.

Subi naquele palco como um condenado à forca. O guitarrista da banda perguntou-me se eu preferia guitarra ou teclado. Peguei a guitarra dele, uma strato macia como seda, o oposto da minha semi-acústica Guild com encordoamento 011. Resolvi

começar pelos sambas. Ganhei o interesse da platéia e – de quebra e contra a minha vontade – o da banda também, que resolveu me acompanhar. Aí a coisa ficou estranha: o caminho deles não era o meu e a cacofonia instalou-se naquele palco. Com jeito e alguns sorrisos consegui que eles parassem as tentativas e finalizei rapidamente minha apresentação ao som de palmas gentis, mas pouco entusiasmadas. O dono da casa veio sentar-se à nossa mesa e saímos dali, como na véspera, de cabeça pra baixo e cheios de “velhos amigos”.

Na noite seguinte, aniversário da Dani, resolvemos fazer um programa duplo: Chiodo Fisso e Skimo. No Chiodo foi aquela mesma onda. Só que depois que eu toquei, Andrea subiu no palco e falou que ia fazer uma homenagem à aniversariante brasileira e atacou de... Roberto Carlos! Fiquei surpreso com a escolha, vinda de um rebelde roqueiro quarentão, mas lá foi ele desfiando uma série de versões italianas da parceria Roberto-Erasmo. E tome chianti na nossa mesa, que a essa altura já contava com a adesão de duas designers brasileiras, moradoras de Florença e veteranas freqüentadoras do lugar. Lá pras tantas, Andrea me chamou pra tocar com ele. E lascou mais Roberto-Erasmo... Fui perseguindo o cara através das curvas da estrada de Santos e no final mandei tudo pro Inferno como se jamais houvesse feito outra coisa na vida senão tocar aquele repertório. Foi muito divertido... Quando voltei para a mesa, Vê e Dani estavam às gargalhadas. O DJ botou pra rodar umas baladas românticas. Eu e Vê nos olhamos e para nossa própria surpresa substituímos a amizade de muitos anos por um beijo apaixonado que dura até hoje. Florença tem esse dom: transforma em realidade amores insuspeitos.

Saímos afinal do Chiodo, nós três e as duas designers, apoiando-nos uns nos outros, uma garrafa de Santa Cristina na mão e nenhuma idéia de onde ir na cabeça, já que o Skimo já estava fechado. Não sei em que altura do caminho nossas duas amigas braso-florentinas se despediram e tomaram seu rumo. Nós seguimos, bêbados, felizes e perdidos em Florença. De repente, nos vimos diante de uma cabine de fotos instantâneas. Não pensamos duas vezes: nos apertamos lá dentro e tiramos uma série de fotos.

No dia seguinte acordei com o alarido das crianças que brincavam no carrossel da Piazza Strozzi. Levantei-me heroicamente e abri minha janela para a praça. O carrossel parecia saído de uma estampa renascentista, com seus cavalos dourados e suas luzes, que mesmo naquela manhã de céu azul, faziam efeito na praça ensombrada pelos belos palazzos. A vida é bela quando se está innamorato a Firenze... 